

1  
9  
6  
2

# II SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA



FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

# ANAIS

## JOAQUIM INÁCIO DE CARVALHO FILHO, Precursor da Reforma Agrária no Brasil

MOACYR DE GÓES (\*)

ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA (\*)

### I — O HOMEM E O MEIO

JOAQUIM INÁCIO DE CARVALHO FILHO nasceu na zona oeste do Estado do Rio Grande do Norte, no município de Martins, em 6 de fevereiro de 1888. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1908. Promotor Público em Açú. Juiz Distrital de Jardim do Seridó. Juiz de Direito de Calcó e Canguaretama. Secretário Geral do Estado na administração Ferreira Chaves. Em 1924, foi nomeado Diretor da Fazenda e do Tesouro. Vice-Presidente do Estado, em 1928. Deputado estadual às oitava e nona legislaturas. Em dezembro de 1927, nomeado desembargador do Tribunal de Justiça e pôsto em disponibilidade em Janeiro do ano seguinte. Em 1935, Senador da República. Presidente do Conselho Administrativo do Estado, depois de 1937. Organizou o Departamento das Municipalidades, do qual foi o primeiro diretor. Prefeito de Natal na administração Rafael Fernandes. Por motivo de saúde, voltou a Martins, onde exerceu ainda as funções de Prefeito Municipal. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado. Pioneiro e estimulador do cooperativismo no Rio Grande do Norte.

Em 9 de junho de 1948, morre. Os registros da época anotam o acontecimento numa linguagem acaciana, onde se diz que ele “desapareceu de entre os vivos” e era homem “de saudosa memória”. Ainda acrescenta, no mesmo estilo, que era “muito respeitado entre nós pelas altas virtudes que lhe exornavam o caráter e a ação benfazeja em prol dos interesses do Estado e do Povo”. Homem de três núpcias, mas sem descendência. Um decreto do governo estadual da mesma data determina luto por três dias.

As referências oficiais terminam com a sua morte. Veio o esquecimento do homem público. O artificial das notícias, a redação comum, sem peculiaridades que distinguissem das figuras de seu tempo, não deixa antever o valor de seu espírito, sóbrio e digno, e o valor real de sua atividade intelectual.

---

(\*) Professores da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte.

A geração que o alcançou no fim de sua maturidade lembra-o com a elegância “demodê” de astro do cinema mudo: alto, bem composto, cabelos penteados e um bigode farto, sobrevivência do rigorosamente patriarcal dos figurinos respeitáveis e austeros ao tempo de sua formação social e moral.

Perdurou ainda nas histórias amargamente pitorescas dos seus esquecimentos, de suas omissões intelectuais, conseqüências de suas enfermidades de fim de existência. Uma esclerose negava o belo e culto espírito que fôra na plenitude de sua vida.

As testemunhas de seu cotidiano falam de suas insônias, preenchidas com leituras, através das noites longas e sofridas, anotações, pesquisas, paciência beneditina no exame dos problemas da História, cópias obstinadas e honestas dos documentos ameaçados de desintegração, de desaparecimento. Um lutador incansável contra a destruição do tempo, até o momento em que a sua fisiologia começou a atraí-lo. O decesso lento de sua vida pública contribuiu para a impertinência do cruelmente pitoresco. Ao contrário do comum dos políticos, regressou de Senador da República a prefeito municipal de sua cidade natal, no remoto interior do Rio Grande do Norte, onde faleceu sem glórias aparentes, na humildade de seu ambiente sertanejo.

Os seus contemporâneos não souberam medir o seu valôr. Achariam-no interessado pelos estudos econômicos, financeiros do seu Estado, e só. Era muito estudioso, é o que geralmente dizem dêle.

As gerações mais recentes riem de suas omissões mentais, de seus famosos esquecimentos. As gerações atuais o desconhecem, completamente.

Daí a surpresa reservada aos que procuram conhecer as suas idéias, nos seus inúmeros estudos dispersos pelas revistas de duração efêmera, nos anuários dos institutos históricos, nos jornais antigos que locupletam estantes empoeiradas e esquecidas dos arquivos desorganizados. Ninguém estudou com mais senso a realidade de seu meio, com mais probidade de conclusões. Era um inovador, homem de iniciativas sérias. Organizador de serviços públicos. Via claro e profundamente os problemas de sua comunidade.

Um dos seus estudos “O Vale do Upanema” estarrece os estudiosos de hoje. Escrito de 1915. Terrível ano de sêca no Nordeste. A primeira guerra mundial devorando vidas e os alicerces de um mundo superado, que se desmoronava em sua estrutura política, social e econômica.

Nessa época, o Rio Grande do Norte vivia o seu grande drama. Orçamento deficitário por fôrça de uma organização econômica de feição predominantemente agrária, estrangulado pela sêca, que devorava o algodão e as poucas culturas de subsistência, agravado ainda mais pela guerra que parava os navios no porto, extinguindo as ex-

portações. O Estado sangrava na sua potencialidade, com seus homens válidos emigrando e a sua pobre pecuária perdida em 70%. O funcionalismo atrasado. O governo emitindo apólices da dívida pública.

Mas, ocasião em que, apesar dos pesares, começavam a chegar as invenções que a revolução industrial possibilitava. Luz elétrica. O automóvel perlustrando caminhos recém-sulcados no interior pelos pneus, na terra ressequida, dispersando o povo em pânico com a zuada dos primeiros motores de explosão.

Natal era cidade de pouco mais de 30 mil habitantes. Inaugurava uma linha de bonde elétrico para a praia de Areia Preta, nos arredores do pequeno burgo, e o Cine-Politeama inaugurando o Kinetofone, onde se tentava, nas sessões chiques daqueles anos, com uma técnica elementar, a combinação da imagem cinematográfica com o som. Tudo tão remoto e ingênuo no seu caráter provinciano.

No primarismo do meio, Joaquim Inácio de Carvalho Filho, estudava os problemas do homem e da terra. Concluía contra o latifúndio e formulava a solução da divisão da terra entre os homens do campo, tudo isso numa era onde o conceito de propriedade tinha caráter absoluto e patriarcal, de tonalidades evidentemente feudais. Solução de um conservador, de formação humanista tradicional cujas conclusões revolucionárias não repercutiam na mentalidade de seus contemporâneos, tranquilos da vida, distantes pela ignorância ou pela ausência dos conflitos sociais que perturbavam, desde o século 19, os países industrializados da Europa, que não incomodavam, não ameaçavam, ainda não eram caso de polícia.

Este era o homem e o seu meio.

## II — O PIONEIRO

Até prova em contrário, defendemos a “comunicação” que presentemente fazemos a este II SIMPÓSIO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA: Joaquim Inácio de Carvalho Filho foi um precursor da reforma agrária no Brasil.

Isto porque escrevia em 1915 e publicava na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — volumes 16 e 17, editados em 1918 e 1919, respectivamente, dois estudos: um sobre “O Baixo Assú” e outro, “Vale do Upanema”, nos quais, embasado em vastas informações de ordem histórica, geográfica, econômica, etc., êle prescreve as medidas necessárias ao desenvolvimento das referidas regiões. Anexamos a presente comunicação a transcrição de dois estudos. E ressaltamos as suas conclusões sobre o “Vale do Upanema”.

“Entre o Carmo e o Poço Verde existem atualmente mais ou menos, 120 casas que deverão ser habitadas por uma população não inferior a 600 pessoas. Qual seria a população comportável neste trêcho, se fossem realizadas as obras condicionadoras do seu desenvolvimento?

Dois hectares de terra bem irrigada e devidamente cultivada bastam a uma família de cinco pessoas, assegurando-lhe a conservação e um relativo conforto. Os três mil hectares poderiam ser distribuídos por 1.500 famílias ou os 4.000 por 2.000, o que daria, para o primeiro caso, cômputo de 7.500 e, para o segundo, 10.000 habitantes, que ali se poderiam instalar na luta pela conservação da existência, pela aquisição de um certo conforto.

É evidente que seria possível, ali, localizar uma população 15 vezes maior do que a que moureja por lá, atualmente.

Eu disse que a terra no Upanema deveria ou poderia ser distribuída entre famílias e quero explicar meu pensamento. Preciso antes de tudo que, ali, a poucos passos da costa, a situação territorial dominante ainda é o regime dos latifundiários prejudicialíssimos em toda a parte, pelas conseqüências lamentáveis e sabidas que acarretam.

Urge fazer a subdivisão da terra como meio mais seguro de sua segura utilização. Disto temos nós uma prova no Seridó, onde a terra cultivável está sendo quase toda lavrada porque a subdivisão ali é extrema, as pequenas propriedades de 30, 50, 60, 80 e 100 braças constituem ali a generalidade. Apenas aqui, no Upanema, deve ser objeto de uma cogitação mais demorada — o meio mais eficaz e justo de encaminhar esta modificação.

Ou seja pelo lançamento do impôsto territorial, à semelhança do que se há feito em alguns estados brasileiros, ou seja pela desapropriação, pela União, que venderá a prazos longos em pequenos lotes ou por outro meio regular, o Vale do Upanema deverá ter subdivisão.

A isto deveria acompanhar o estabelecimento de um pôsto agrícola modesto, embora, sem aparatos, encaminhando a modificação gradual dos métodos agrícolas agora reinantes, porque esta transformação é essencial para o bom êxito do desenvolvimento da terra ali cultivada e da agricultura em todo o sertão, e nenhum ponto se afigura mais propício para uma demonstração do que Mossoró, centro de convergência, modêlo e lição objetiva a todos quantos aqui vierem”.

Isto foi escrito por Joaquim Inácio de Carvalho Filho e lido perante a diretoria da “Defesa do Nordeste”, em 1915. Em 1915, portanto, antes da revolução bolchevista na Rússia, para a construção da União Soviética, antes das grandes revoluções sociais, que vêm balizando, no mundo todo, o século XX, tendo, como uma das reivindicações primeiras, um estatuto de redistribuição da terra.

Do trecho transcrito, que é a conclusão do seu lúcido estudo sobre o desenvolvimento do Vale do Upanema, é válido analisar:

1. O autor dá o diagnóstico da causa do atraso da região: “A SITUAÇÃO TERRITORIAL DOMINANTE AINDA É O REGIME DOS LATIFUNDIOS PREJUDICIALÍSSIMOS EM TÔDA A PARTE, PELAS CONSEQÜÊNCIAS LAMENTÁVEIS E SABIDAS QUE ACARRETAM”.

2. O autor oferece a solução para o caso: "URGE FAZER A SUB-DIVISÃO DA TERRA COMO MEIO MAIS SEGURO DE SUA SEGURA UTILIZAÇÃO".

3. O autor diz como se deve aplicar a solução: "OU PELO LANÇAMENTO DO IMPOSTO TERRITORIAL ... OU PELA DESAPROPRIAÇÃO PELA UNIÃO, QUE VENDERÁ A PRAZOS LONGOS, EM PEQUENOS LOTES, OU POR OUTRO MEIO REGULAR, O VALE DO UPANEMA DEVERÁ TER SUB-DIVISÃO".

4. O autor indica as medidas complementares da "refórma", sabendo que a simples distribuição de terra não alcançaria a meta almejada: "A ISTO DEVERIA ACOMPANHAR O ESTABELECIMENTO DE UM POSTO AGRÍCOLA, MODESTO, EMBORA, SEM APARATO, ENCAMINHANDO A MODIFICAÇÃO GRADUAL DOS MÉTODOS AGRÍCOLAS AGORA REINANTES, PORQUE ESTA TRANSFORMAÇÃO É ESSENCIAL PARA O BOM ÊXITO DO DESENVOLVIMENTO DA TERRA ALI CULTIVADA E DA AGRICULTURA EM TODO O SERTÃO".

5. O autor deixa implícita a sua idéia da regionalização da "refórma", hoje assunto pacífico nos estudos para um novo estatuto da terra do Brasil"... E nenhum ponto se afigura mais propício para uma demonstração do que Mossoró..."

Nos limites desta comunicação não vai caber o debate sôbre o minifúndio, nem o latifúndio, nem o levantamento das condições regionais do Rio Grande do Norte, nem a crítica da solução burguesa proposta por Joaquim Inácio de Carvalho Filho para o problema da terra. Há que se ver, no entanto, o caráter precursor do seu estudo, até prova em contrário. O pioneirismo. A visão magnífica de um homem provinciano, que, voltando-se para um problema regional, encontra a solução na universalização do espírito humano. Talvez, Gide não tenha recebido nunca uma demonstração melhor do que esta, para a sua afirmativa de que, pelo regional, alcançaremos o universal.

Vale, ainda, salientar a pouca dinâmica de nossas instituições para se atualisarem com a hora histórica em que vivem. Também aqui, o precursor clamou no deserto. A voz de Joaquim Inácio de Carvalho Filho, levantada no Rio Grande do Norte, por muito tempo foi somente éco.

E assim ganhou para a História uma dimensão maior e isto merece registro aqui. Quando, até mesmo um decênio atrás, era o assunto reforma agrária um tema subversivo e trazia, como consequência, cadeia para comunistas, socialistas, esquerdistas e reformistas, já no longínquo 1915, no também longínquo Rio Grande do Norte, porque afastado dos grandes centros pensantes do país, Joaquim Inácio de Carvalho Filho defendia a necessidade de uma nova distribuição da terra. E assim o fazia, êle, herança e expressão da burguesia local, porque via a imprescindível necessidade da medida para o desenvolvimento da região.

Para os seus contemporâneos êle deve ter-se definido, nesta hora, como um visionário. Um burguês, anterior à revolução russa de 1917, pregando a intervenção do Estado no domínio econômico, disciplinando quinhões de terra, planejando a cultura de especificada região, determinando o povoamento e o número de famílias por hectares, estimando as rendas das safras, localizando os mercados de escoamento da produção. Até parecia um chefe inca voltado para os seus "tupus" no cálculo científico da produção organizada em favor da comunidade ou, projetando-se no futuro, um estadista de um governo socialista que cuidasse de organizar a riqueza do seu povo em favor da coletividade.

### III — CONCLUSÃO

Eis porque a história há de recolher o testemunho de Joaquim Inácio de Carvalho Filho em favor da reforma agrária no Brasil e lhe conceder o título de precursor no estudo do problema, até prova em contrário.

NOTA: — Os autores agradecem ao Professôr Leonardo Bezerra, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte, valiosos subsídios para êste trabalho.

### JOAQUIM INACIO DE CARVALHO FILHO, PRECURSOR OF THE AGRARIAN REFORM IN BRAZIL

#### S U M M A R Y

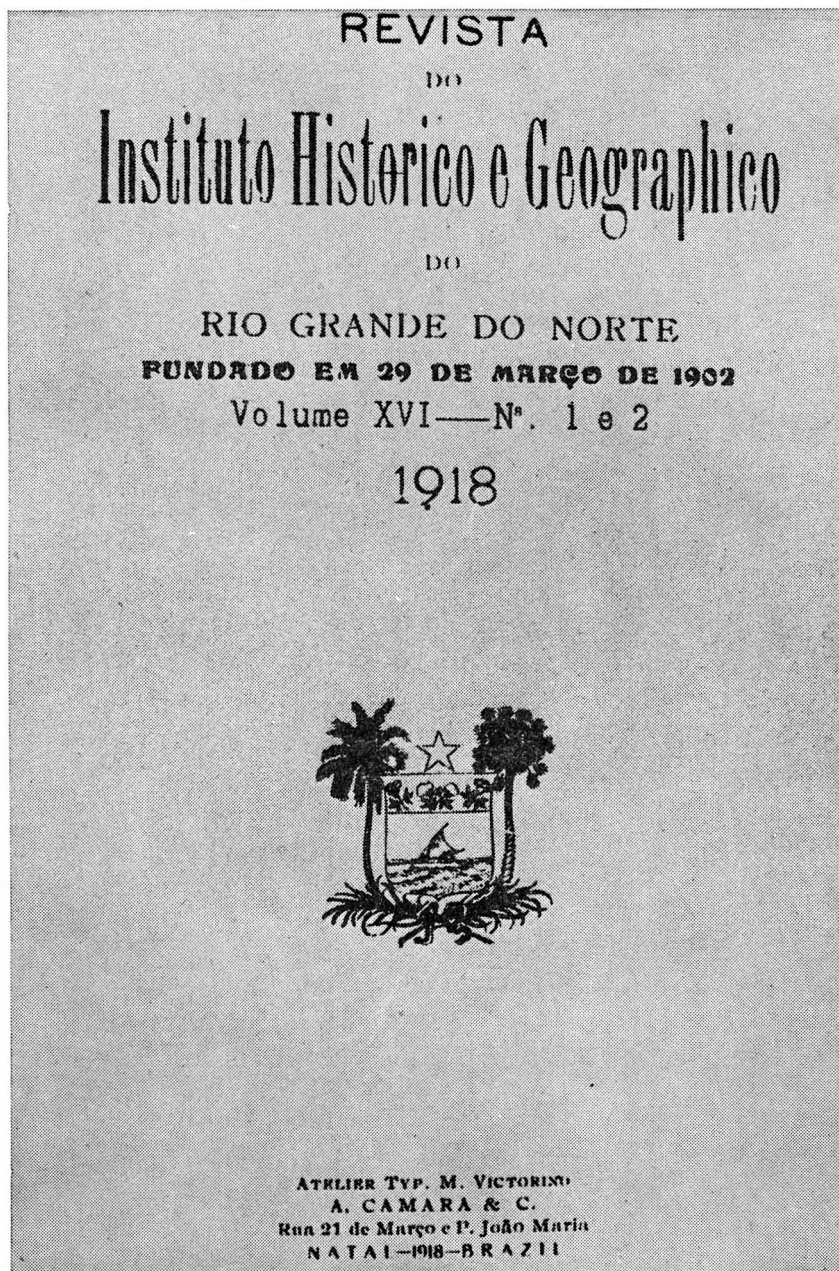
The authors present Joaquim Inacio de Carvalho Filho, born in Rio Grande do Norte, as the precursor of the agrarian reform in Brazil.

They analyse two works of this writer about economical development and agrarian reform — "O Baixo Assú" and "Vale de Upa-nema" published respectively in 1918 and 1919, in which he shows the causes of the cultural backwardness of these regions, presents solutions and shows how these solutions should be put into practice, indicates complementary measures for the agrarian reform in Brazil and manifests his ideas about its regionalism.

#### BIBLIOGRAFIA

**Cascudo, Luis de Câmara** — História do Rio Grande do Norte" e "História da Cidade de Natal".

**Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, volumes 16 e 17 de 1918 e 1919 (conforme fotocópias anexas).



Capa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte que publica o estudo sobre "O Baixo Assú".

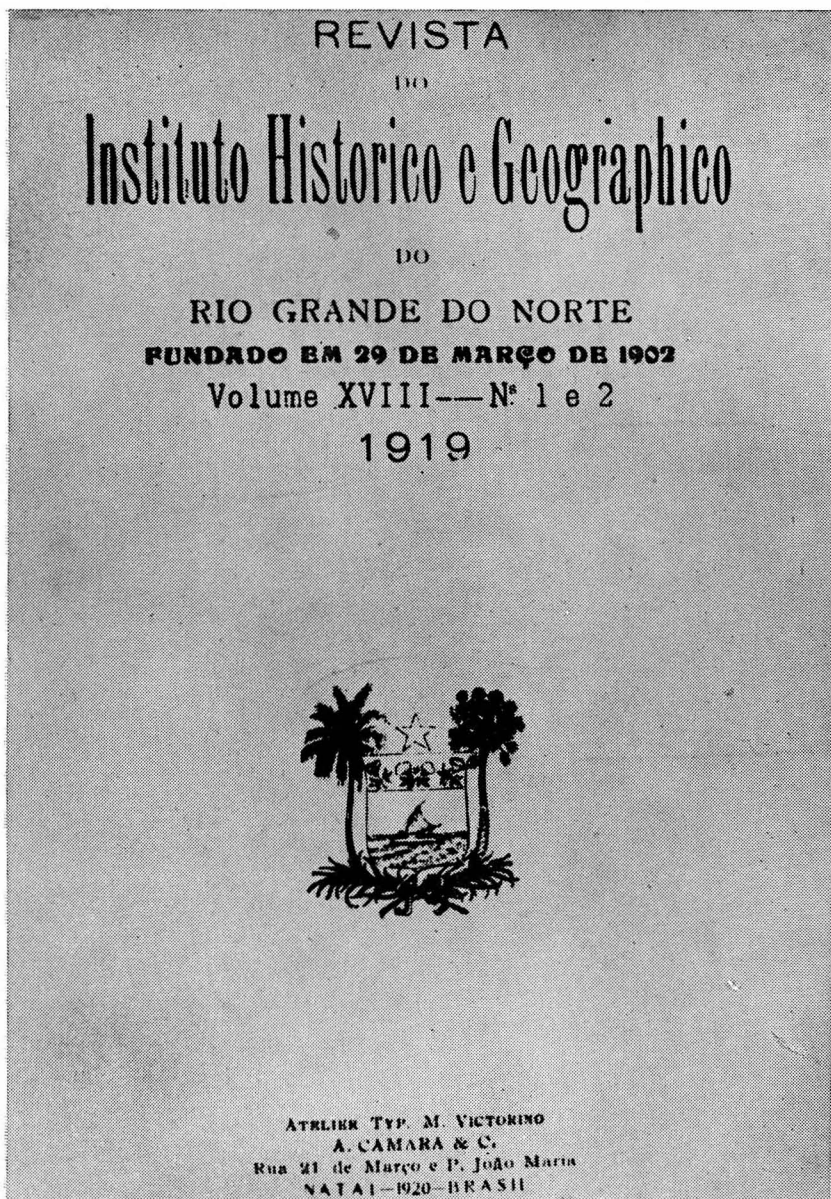
## O BAIXO-ASSU'

---

**A** grande vertente ocidental do Estado, rolando, até certo ponto, as águas celeres e barrentas num sólo demasiadamente inclinado, deriva, no esgalhamento de seus afluentes, de afastadas regiões.

O grande massiço da serra das Emburanas á grande altura, Soledade e Taperoá a 500 metros de altitude, Jerichó a sudoeste de Bom Conselho a 620, o grande divisor das águas formado pelas serras Pintada, de Baixa-Verde e Jabitaca, com logares a mais de mil metros acima do nivel do mar etc, são sitios—todos estes—donde se drenam as águas do nosso maior rio, que, ao passar na fazenda Caes, do Municipio de Caicó, depois de um curso relativamente pequeno, se espreguiça a 125 metros de altitude, apenas.

Esta declividade vale como um indice da região ; mas attenta a relativa placidez das águas depois de transposto o encachoeirado de Pôço de Cavallos, seis léguas abaixo do Caes, pode-se assegurar que as águas deslizam calmamente a menos de 100 metros.



Capa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte que publica o estudo sobre o "Vale do Upanema".



## VALLE DO UPANEMA

Trabalho lido perante a Directoria da "Defeza do Nordeste", no intuito de fomentar a sua patriótica e humanitaria acção.

**A** BACIA do Upanema, neste Estado do Rio Grande do Norte, interessando os municipios de Patú, Caraubas, Augusto Severo, Mossoró e Areia Branca, está reclamando com urgencia a attenção dos nossos dirigentes para a effectivação de estudos detalhados que encaminhem o aproveitamento intelligente das grandes possibilidades economicas ao longo desta vertente. Esta utilização consciante, esta incorporação productiva de uma extensa area de terras dotadas de grandes virtudes, mas actualmente estereis ou seccas, impõe-se, em futuro recente, por multiplas considerações.

Antes de tudo uma vertente como o Upanema de uma consideravel vasão garantida, atravessando numa extensão approximada de doze leguas o planalto que enfaixa a zona das

— 44 —

Disto temos nós uma prova no Seridó onde a terra cultivavel está sendo quasi toda lavrada porque a subdivisão alli é extrema, as pequenas propriedades de 30, 50, 60, 80 e 100 braças constituem alli a generalidade. Apenas aqui no Upanema deve ser objecto de uma cogitação mais demorada—o meio mais efficaz e justo de encaminhar esta modificação.

Ou seja pelo lançamento do imposto territorial, á semelhança do que se ha feito em alguns Estados brasileiros, ou seja pela desapropriação pela União, que venderá a prazos longos em pequenos lotes, ou por outro meio regular, o valle do Upanema deverá ter subdividida a sua utilização.

A isto deveria acompanhar o estabelecimento de um posto agricola, modesto embora, sem aparato, emcaminhando a modificação gradual dos methodos agricolas agora reinantes, porque esta transformação é essencial para o bom exito do desenvolvimento da terra alli cultivada e da agricultura em o todo sertão, e nenhum ponto se affigura mais propicio para uma demonstração do que Mossoró, centro de convergencia, modelo e licção objectiva a todos quantos aqui viérem.

JOAQUIM IGNACIO FILHO.

Mossoró, 1915.

## A N E X O S

### O BAIKO ASSÚ

A grande vertente occidental do Estado, rolando, até certo ponto, as aguas celeres e barrentas num sólo demasiadamente inclinado, deriva, no esgalhamento de seus afluentes, de afastadas regiões.

O grande massiço da serra das Emburanas á grande altura, Soledade e Taperoá a 500 metros de altitude, Jerichó a sudoeste de Bom Conselho a 620, o grande divisor das aguas formado pelas serras Pintada, de Baixa-Verde e Jabitaca, com logares a mais de mil metros acima do nivel do mar etc, são sitios — todos estes — donde se drenam as aguas do nosso maior rio, que, ao passar na fazenda Caes, do Municipio de Calcó, depois de um curso relativamente pequeno, se espreguiça a 125 metros de altitude, apenas.

Esta declive vale como um indice da região; mas attenta a relativa placidez das aguas depois de transposto o encachoeirado de Pôço de Cavallo, seis léguas abaixo do Caes, pode-se assegurar que as aguas deslizam calmamente a menos de 100 metros.

(Primeira Página do estudo "O Baixo Assú")

### VALLE DO UPANEMA

Trabalho lido perante a Directoria da "Defesa do Nordeste", no intuito de fomentar a sua patriótica e humanitaria acção.

A BACIA do Upanema, neste Estado do Rio Grande do Norte, interessando os municipios de Patú, Caraubas, Augusto Severo, Mossoró e Areia Branca, está reclamando com urgencia a attenção dos nossos dirigentes para a effectivação de estudos detalhados que encaminhem o aproveitamento intelligente das grandes possibilidades economicas ao longo desta vertente. Esta utilização consciente, esta incorporação productiva de uma extensa area de terras dotadas de grandes virtudes, mas actualmente estereis ou seccas, impõe-se, em futuro recente, por multiplas considerações.

Antes de tudo uma vertente como o Upanema de uma consideravel vasão garantida, atravessando numa extensão approximada de doze leguas o planalto que enfaixa a zona das

(Primeira página do Estudo sôbre o "Valle do Upanema")

Disto temos nós uma prova no Seridó onde a terra cultivavel está sendo quasi toda lavrada porque subdivisão alli é extrema, as pequenas propriedades de 30,50,60,80 e 100 braças constituem alli a generalidade. Apenas aqui no Upanema deve ser objecto de uma cogitação mais demorada — o meio mais effizaz e justo de encaminhar esta modificação.

Ou seja pelo lançamento do imposto territorial, á semelhança do que se ha feito em alguns Estados brasileiros, ou seja pela desapropriação pela União, que venderá a prazos longos em pequenos lotes, ou por outro meio regular, o valle do Upanema deverá ter subdividida a sua utilização.

A isto deveria acompanhar o estabelecimento de um posto agrícola, modesto embora, sem aparato, emcaminhando a modificação gradual dos methodos agricolas agora reinantes, porque esta transformação é essencial para o bom exito do desenvolvimento da terra alli cultivada e da agricultura em o todo sertão, e nenhum ponto se affigura mais propicio para uma demonstração do que Mossoró, centro de convergencia quantos aqui viérem.

**Joaquim Ignacio Filho.**

Mossoró, 1915.

(Última página do estudo "Valle do Upanema".)

#### INTERVENÇÕES

**Do Prof. Amaro Quintas:**

Afirma que no tocante ao problema da reforma agrária no Brasil não pode ser esquecido o nome do pernambucano Antônio Cândido de Figueiredo que em revista que publicou de 1845 a 1848 apresentou idéias avançadíssimas nesse ponto, que se integram em um espírito de socialismo científico. Na mesma época o general José Inácio de Abreu Lima que lutou ao lado de Bolívar, também em Pernambuco, escreveu um livro intitulado "Socialismo" onde aventou idéias interessantíssimas sôbre o problema agrário, e apresentou-lhe soluções. Em Pernambuco ainda Afonso de Albuquerque, republicano e socialista, foi defensor da reforma agrária, bem como o paraibano Antônio Borba da Fonseca. Desta maneira reivindica sobretudo em relação a Antônio Cândido de Figueiredo, pelo seu lugar na história do pensamento social brasileiro, pela programação que apresenta sôbre o problema agrário, posição de verdadeiro precursor. Problema agrário que aliás êle desejou resolver em Pernambuco, apresentando soluções objetivas, não de ordem geral ou universal, mas soluções atinentes à vida regional.

**Da Profa. Alice P. Canabrava:**

Interêsse em conhecer melhor a personalidade em aprêço, de modo a saber se se trata de um empírico, ou se podemos perceber, nos seus escritos, quaisquer influências doutrinárias.

#### RESPOSTAS DO PROFESSOR MOACYR DE GÓES

**Ao Prof. Amaro Quintas:**

Respondeu o Professor Moacyr de Góes, que nesta hora falava, também, pelo outro autor do trabalho, Professor Alvamar Furtado de Mendonça:

1 — que defendia a tese de que Joaquim Inácio de Carvalho Filho era UM e não O precursor da reforma agrária no Brasil;

2 — que as reformas pregadas pelo Dr. Joaquim Inácio de Carvalho Filho eram, intrinsecamente, regionais, objetivas, com levantamentos da realidade do Baixo-Assu e do Upanema. Não se tratava de um socialismo romântico, de um empirismo;

3 — que demonstrava naquela hora, como de fato o fez, os gráficos das questões histórico-econômicas, expressando uma realidade concreta regional;

4 — que não invalidava a presença de outros precursores no estudo da Reforma Agrária, e adiantava mais: o progresso dos estudos no Recife justificam levantamentos anteriores no passado histórico. Todavia, reiterava a validade de sua comunicação: Joaquim Inácio de Carvalho Filho fôra UM precursor da Reforma Agrária no Brasil e o Núcleo Regional do Rio Grande do Norte achava da maior utilidade os levantamentos dos estudos em cada Estado, para a composição do todo global do país no equacionamento da questão.

**A Profa. Alice Canabrava:**

O autor responde:

1 — que não encontrara explícito nos trabalhos de Joaquim Inácio de Carvalho Filho um cunho doutrinário-ideológico;

2 — que Joaquim Inácio de Carvalho Filho não era, de maneira alguma, um empírico, pois na sua pregação da intervenção do Estado no domínio econômico, disciplina quinhões de terra, planeja a cultura de especificada região, determina o povoamento e o número de famílias por hectare, estima as rendas das safras, localiza os mercados de escoamento da produção.